





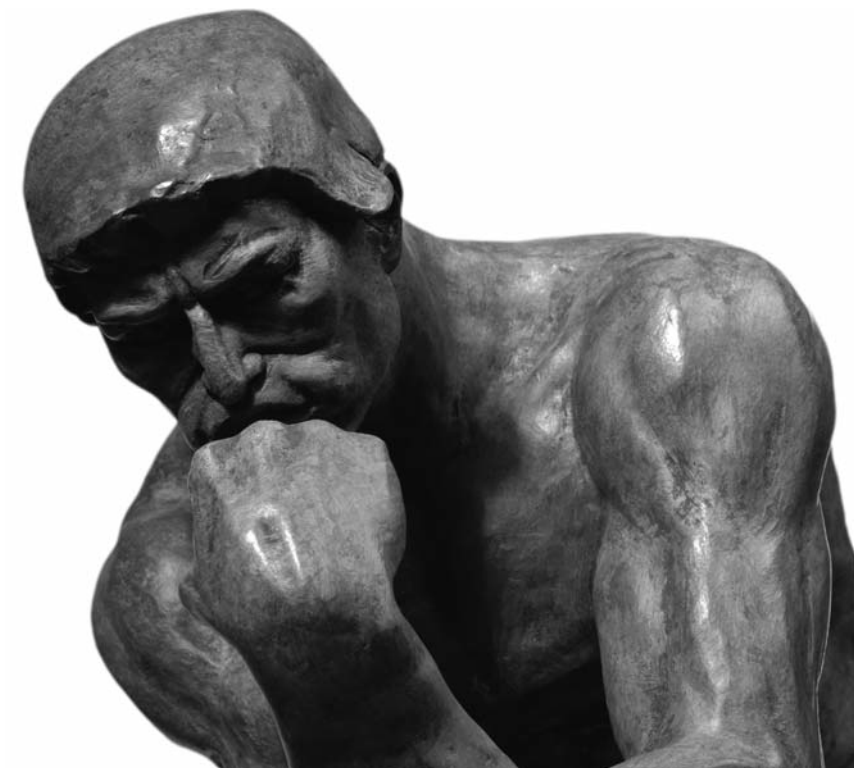
OS SAPIENS



# OS SAPIENS

José Rui Pires

Setembro de 2008





**TÍTULO** Os Sapiens

**AUTOR** José Rui Pires

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com a indicação da fonte.

**SETEMBRO DE 2008**

**Letras d'Ouro, editores**

Rua Quinta da Flamândia, N.º3 – 3.ºDt.º

Casal do Marco

2840 – 030 Aldeia de Paio Pires

Telefone: 210 878 323

livros@letrasdouro.com

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Publidisa, Publicaciones Digitales, SA

**1.ª EDIÇÃO**

**DEPÓSITO LEGAL**

**ISBN** 978-989-95349-8-8

---

**DIRECTOR DE EDIÇÃO**

Pedro Martins

**CAPA E PAGINAÇÃO**

Pedro Martins

**PREPARAÇÃO DO ORIGINAL E EDIÇÃO**

José Manuel Martins

**REVISÃO**

Cátia Matias Norinha

# DEDICATÓRIA

Ao Deus de Abraão, Isaac e Jacob e Pai de Jesus, o Messias,  
dador do supremo bem da minha vida.

Aos meus pais pelo dom da concepção e da educação.

Aos meus amigos e irmãos de sangue e de espírito, queridos  
companheiros de Trirreme.

Aos meus semelhantes, companheiros do mistério da Vida.

Para a minha esposa e filhas.

Leiria, Outubro de 2007



# PREFÁCIO

«Os Sapiens» é uma parábola.

Uma simples parábola...

«Os Sapiens» resulta da compilação de alguns textos e citações com um determinado sentido e intencionalidade. O sentido do tempo e a intencionalidade do pensamento; a estes junta-se-lhes a minha inquietação.

Na verdade, «Os Sapiens» é o resultado da minha interpretação da História Humana, por sua vez subordinada à minha inquietação pessoal enquanto ser humano no que respeita a esta nova idade globalizada.

Textos e citações, escolhidos em originais não comentados, transcritos parcialmente ou na sua totalidade, revelam parte do tempo dos «Homo Sapiens». Notam e testemunham as indeléveis impressões digitais do passado a caminho do futuro. Reflectem as preocupações, as análises, os medos, a mentalidade e o conhecimento dentro de uma certa unidade de tempo de permanência ou de transição para uma outra seguinte, filha legítima da informação genética das gerações passadas da nossa civilização.

Optei por não efectuar qualquer comentário aos mesmos, como disse.

Pretendo que eles façam o seu papel de *per si*, dando-lhes vida e voz com o seu espírito dentro do nosso espírito.

Caber-lhes-á assim transmitir a sua vida e a sua mente, sem que qualquer comentário viciado pela minha interpretação lhes inculque ou fixe limites ou ainda lhes torça e vergue o espírito em que foram escritos. Qualquer comentário científico, no âmbito deste ensaio, seria amputar a amplitude e o sentido mais lato a que lhes proponho dar posse.

A estes junta-se-lhes um poema síntese como introdução e uma metafórica análise crítica sobre o resultado da minha leitura sobre o percurso da Humanidade «Occidentalista». São estes últimos 2800 anos de cultura civilizacional, e que hoje definimos como o nosso mundo pós-contemporâneo, que nos ocuparão um pouco de tempo.

Trata-se da minha visão e da minha interpretação. É parte de mim – a parte que fica escrita.

Os textos e citações originais que compilei são, na minha opinião, textos indicativos e de balizamento. São documentos de contextualização do «Presente do Passado» e do próprio Presente, seja lá o que isso é (foi), ou que queiramos que seja.

Identificam por isso mesmo os momentos plenos e os momentos chave a que alguns chamam de «turning points» ou pontos de viragem da e na Occidentalidade.

Representam deste modo os momentos arquétipos de sociabilidade e mentalidade de um determinado momento no espaço e no tempo, ou simplesmente os pontos de saturação, de viragem e mudança de pensamentos e ideais abstractos já em maturação e/ou em transição na «Occidentalidade».

Como disse, trata-se de Abstractos Mentais, mas consubstanciados e consubstanciáveis no que respeita à forma de organização da Sociedade e da sua estrutura ideológica, política ou filosófica subjacente. Estes assumem-se também como abstractos materializados sob a forma de linhas gerais do comportamento e relacionamento intra-humano.

Aparentando ser difusos e por isso assumindo uma forma de vectores soltos, apontam no entanto para um rumo e sentido que hoje é o da nossa realidade.

No fundo, sinteticamente, pretende-se identificar e coincidir o abstracto da Mente e as suas dinâmicas de alteração, de uma forma perceptível aos sentidos. Para isso convido à leitura do que se escrevia e pensava no tempo por quem o viveu e sofreu na primeira pessoa, invocando a percepção do quanto isso se tornou o nosso património e o nosso capital sedimentado. Património e capital ainda hoje por nós usado para construir a nossa habitação e vivência cultural – a grande Casa Ocidental.

Como disse, um relato na primeira pessoa do Tempo. Um tempo de travessia...

O Tempo da travessia de uma margem ou porto espiritual da vivência, para o porto seguinte da Ocidentalidade. Acredito que esta Ocidentalidade é um estado de espírito, tal Roma o foi também – um estado de espírito de um ideal civilizacional.

Na minha opinião, são textos e citações caracterizadores do momento do estado de espírito do instante. Porque o Tempo também é o somatório dos instantes.

Um retrato quase fotográfico, pelo menos para mim, do estado de espírito humano no período escolhido e que se posiciona na direcção que hoje é o nosso presente. Esta preparação para um rumo, idêntica a um avião que se posiciona no princípio da pista, esperando correr pela mesma, em direcção a esse rumo.

Sendo sempre difícil e pouco unânime escolher e encontrar os melhores textos, optei por escolher aqueles que particularmente mais me seduzem e me obrigam a reflectir a suma de todas as coisas – quem sou e para onde vou.

Não é essa a questão fundamental da Vida?

Sabemos, e tentamos sempre definirmos a nós enquanto indivíduos, grupos, culturas e civilizações, pelas diferenças e enu-

merando o que não somos em contraste com o que julgamos saber ser. Um constante exercício que justifica a nossa dificuldade de afirmarmos o que realmente somos.

Esta tem sido a nossa experiência da revelação laboratorial do negativo sem o domínio da técnica de produção da foto com coloração em positivo.

Escolhidos com uma direcção gradativa no que respeita à História, os documentos dividem as épocas que no Ocidente consideramos como as transições entre momentos e períodos a que convencionámos também chamar de Idades Históricas. Por isso as chamei de Idades de Pedra do Tempo.

Na triste tendência da boa escola Ocidental, encontraremos a Antiguidade na sua Idade Clássica, a Época Medieval, a Idade Moderna, Contemporânea e a Idade Actual.

Claro que esta divisão enferma de Ocidentalismo e naturalmente essa divisão e subdivisões têm em particular atenção o nosso contexto Ocidental de História e da Mentalidade Ocidental. Não deixei, no entanto, de ter em especial atenção o contacto intenso com outras culturas e civilizações.

Culturas e civilizações riquíssimas e também elas em boa parte fundadoras de vários e importantes alicerces do Ocidentalismo pré e pós-contemporâneo.

A sua consciência e espiritualidade, diferentes mas não indiferentes, marcam também o princípio e quem sabe o derradeiro fim do Ocidente nos campos do abstracto interior e colectivo.

Esta compilação pretende ajudar a lembrar que a civilização Ocidental é uma entre outras, resultado de miscigenações com outros contactos civilizacionais; sem todas as respostas, e com o dramatismo de suscitar maiores e mais complexas questões que respostas à pergunta universal de quem somos. O dramatismo esperançoso de questionar e obter a resposta à grande questão

que desde sempre perturba e acalma o espírito Humano: Quem sou e para onde vou?

Por esse motivo, alguns documentos que escolhi evidenciam o contacto intercultural e intercivilizacional nos seus contactos mais dolorosos, contudo reais; mas também, e não menos importante, os contactos intraculturais e intracivilizacionais.

Acredito que a expressão do colectivo é a média ponderada, projectada e magnificada da individualidade. Por isso também acredito que o resultado da presente realidade Pós-Contemporânea foi apenas a excepção de todas as outras realidades possíveis. Foi o resultado dos tais vectores, não difusos mas confusos, admito, que nos revelam o presente e perspectivam as grandes tendências e tonalidades do futuro. No fundo trata-se da consubstanciação de um fio condutor com uma lógica e um percurso. Não menos importante, caberá também a cada indivíduo participar, activa ou passivamente, na passagem para esta nova Idade. Participaremos por acção ou por omissão, sendo que o resultado do que se construirá será determinado por estas duas posições: a acção e a omissão.

Os documentos objecto de compilação terminam com um poema musicado por um dos grandes músicos da Pós-Contemporaneidade. É o meu músico preferido, embora seja polémico. Optei por não traduzir a letra, dada a sua riqueza no original. Esta letra, no meu entender, reflecte em expressão musical o estado de espírito do Indivíduo XXI – o actual Homem ocidental, neste momento de viragem de Época de Idade, como uma repetitiva e dolorosa metamorfose colectiva e individual em curso, que outros fizeram e que nós também faremos.

Em suma, estes testemunhos, que designei como exemplificativos, são propositados e contextualizam o mundo em processo de globalização. Processo esse que se inicia, no meu entender, já na antiguidade, sendo mais que um fenómeno de carácter tecnológico, ou produto exclusivo da descoberta e aperfeiçoamento

da tecnologia, mas sobretudo produto e resultado do esforço e da necessidade de proximidade e aproximação entre os elementos da mesma espécie. Esforço demasiadas vezes desvirtuado pela ganância que também conosco ainda caminha. Esta necessidade de contrariar o desconhecido e a distância física e mental. Uma necessidade diferenciadamente ritmada com velocidades variáveis durante a «caminhada» da Humanidade; iniciada talvez no período assinalado pelo domínio das técnicas industriais da idade dos metais, acelerando repentinamente na Idade Clássica, sobretudo ao nível do conhecimento científico e estrutura psicossocial, voltando a desacelerar significativamente na Idade Média, para num crescente redemoinho gradual atingir uma velocidade crescente de cruzeiro, até à presente e vorticiana complexa «Warp» celeridade do nosso Século XXI.

Uma velocidade demasiado alta para muitos; demasiado sedutora para outros.

Os escritos foram ainda escolhidos, tendo em atenção três níveis que perpassam transversalmente a história e o espírito da existência humana, no campo da abstracção, que nos diferenciam dos restantes animais.

A realidade espiritual no seu contexto religioso como aspecto omnipresente na espécie, a dimensão política e ideológica nos seus aspectos estruturantes de ideais de sociabilidade e a dimensão filosófica do conhecimento e investigação humana. Misturar os três, não sendo uma tarefa fácil, foi no entanto interessante e intenso.

Estas três dimensões de reduto do carácter abstracto e pessoal evidenciam o comportamento humano durante esta cabotagem da experiência humana de alguns – bem largos milhares de anos. Mais ou menos isto e por esta ordem: «quem penso ser», evoluindo para «quem serei», cabotando pelo «quem não sou» para «quem posso ser», com uma escala em «quem poderia ter sido evitando o querer ser».

Ao fim e ao cabo, continuamos a agir de acordo com uma atitude introspectiva e expectante de «serei quem sou quando chegar ao local para onde vou».

Uma viagem pelo arbítrio, o livre e o outro...

Embora outras dimensões se apresentem também importantes, considereei estes aspectos demonstrativos e elucidativos das preocupações e conflitos humanos, quer particulares quer colectivos, construindo no capítulo final, a título de comentário e conclusão, uma abordagem «filo-prosaica» de carácter crítico sobre o que considero ser o «Estado de Espírito» da actual civilização Ocidental.

Este capítulo está, naturalmente, sujeito a críticas. Gostaria de as receber, sobretudo porque consideraria isso como um sinal de que existiu conflitualidade interior entre os destinatários.

Estas breves considerações em prefácio, apenas pretendem demonstrar com quanta intencionalidade e necessidade evidente escolhi o Século XXI, o nosso tempo, para mostrar como as alterações que já ocorreram direccionam a história futura da Humanidade, pelo menos a Ocidental.

Estas, na minha interpretação das suas tonalidades e tendências, evidenciam a teoria fatalista da História; fatalista não no contexto em que Fukuyama a apresentou, mas sim a anunciada no contexto Joanino, revelado na ilha de Patmos.

A interpretação do mesmo capítulo é pessoal e interactivo com aquilo que em Antropologia Cultural se define por capacidade algébrica humana.

Parte-se do passado sistematizado e metodologicamente identificado para chegar a uma possível interpretação do resultado dos vários processos humanos e sistemas sedimentados por esse mesmo passado que é o nosso; pela melhor ou por vezes pela pior experiência Humana.

A conclusão é a minha interpretação do exame «radiológico», em tom «filoprosáico», sem qualquer comprometimento ideológico ou filosófico predefinido, mas naturalmente em tom fortemente opinativo e claro quanto ao caminho que a Humanidade, sobretudo a Ocidental, trilha.

Um caminho cabotando as margens da inexperiência.

Um caminho diário perante o desconhecido da mudança. Da mudança da Contemporaneidade para a Pós-Contemporaneidade; do mundo Pré para o mundo Pós: Pós 11 de Setembro, Pós Atocha, Pós Beslan, Pós Hoje.

Um mundo apaixonado, medroso, ambicioso, ganancioso, inquieto, inconstante, desumano, mas claramente produto da Humanidade.

Para concluir, insisto que a minha teorização não preconiza soluções absolutas nem aponta direcções redutoras, tão-somente o apelo ao pensamento e à participação dos homens e das mulheres na construção individual e colectiva da civilização, tendo sempre presente, e considerando, que o pensamento é um direito e uma obrigação inalienável do Homem. Direito que rejeita e impede a alienação individual e colectiva. Noto e saliento que para demasiados habitantes do planeta Terra, este é o último reduto da expressão e da singularidade da Humanidade – Pensar.

Pretende e deseja um confronto interior. Um confronto entre a realidade formal e a realidade verídica. Um apelo à auto-análise enquanto sociedade e membros dessa mesma sociedade, mas também ao indivíduo enquanto Ser irrepetível e único no hiato de tempo que medeia o nosso nascimento e a nossa morte, ou eufemisticamente a nossa existência e experiência Humana.

Uma auto-análise crítica e descomprometida com estruturas ou superestruturas dominadas, dominantes, extintas ou por extinguir, volto a salientar. Apenas um comprometimento com o Ser real que lê, analisa e critica o mesmo.

Apela-se ao Ser real e à coragem a Ser quem efectivamente e claramente se É. Tarefa difícil numa sociedade que sendo complexa, de dinâmica e humor variável, vorticiana, enferma pela ausência de realismo individual e colectivo.

No entanto, e enquanto humanos é-nos possível pensar, sonhar e tentar.

É para vós, e perante este magnífico Teatro de Epidauro da Pós-Contemporaneidade, que é o Hoje e o Agora, onde todos, para além de nos verem claramente, (o exterior, claro) melhor nos conseguem ouvir, graças às excelentes condições acústicas da orquestra da globalização, que declaro que ainda não nos queremos conhecer uns aos outros; tão-pouco a nós mesmos (grande novidade!!!).

No final ver ou ouvir é, e será, diferente de compreender...

Muitas máscaras, muitas capas e uma completíssima paleta de vernizes nos circundam e envolvem.

As nossas e as vossas. As minhas e as tuas.

Então porquê tentar escrever um ensaio sobre a Contemporaneidade?

Como já disse, «Os Sapiens» nasceram da minha interpretação da História. Perante esta interpretação, surgiu um grito interior que não quero silenciar, qual atalaia perante o imenso iceberg que está à frente dos meus sentidos.

Num mundo individualista e globalizado, verificamos que a competição desenfreada – apenas «regulada» pelo vórtice do mercado e pelo seu voraz apetite – entre indivíduos e organizações infra ou supranacionais, alimenta o sistema sobrecarregando-o de tensões nunca antes conhecidas ou experimentadas pela espécie Humana. Qual o produto final desta evolução? Ainda poucos arriscam uma resposta. Contudo os fenómenos da violência social, da conflitualidade latente, da crise do modelo de organização e governação das sociedades, do terrorismo internacional e a

progressão geométrica do fundamentalismo religioso (tanto do tradicional como do indiferente e não menos preocupante fundamentalismo ateu e materialista) são sem dúvida sintomas agudos de elevada sobrecarga.

«Os Sapiens» é a minha resposta à minha estúpida serenidade. A estúpida mas cómoda serenidade de quem assiste a certos acontecimentos reais que não era suposto acontecerem. A minha estúpida interrogação e o meu estúpido espanto contemplativo! Espanto e interrogação quando vejo os meus semelhantes atravessarem o Mediterrâneo a caminho da Hispânia porque têm fome. O que os faz entrar num barco sem porvir e tentar o mar e a própria morte? Será a minha riqueza ou a sua pobreza que os anima? E porque são pobres? E porque sou eu rico? O que é a riqueza afinal? Serei rico pelo que possuo e posso produzir e acumular, ou pelo que eu sou e poderia partilhar?

Como posso assistir silencioso à produtividade da Ocidentalidade que não contempla um modelo de um real e autêntico compromisso de justiça e solidariedade também global e globalizador?

Que tecnologia nos falta para ser mais justos, mais solidários e mais humanos neste século XXI?

A quem andamos a enganar? Aos subdesenvolvidos (a palavra e o significado são nossos – Ocidentais), ou nós próprios, Augustos romanos desta Roma imperial?

Como me posso calar quando as portas deste comboio a vapor se cerram a caminho de um Auschwitz global e globalizado, onde apenas os mais fortes podem sobreviver um pouco mais de tempo?

O tempo que simplesmente passa. O tempo que nos falta e escapa. Tempo e espaço... pouco tempo e menos espaço. O tempo que hoje, tal como ontem, consome seres humanos; só que desta vez consome a carne, o espírito e a consciência mais rapidamente. Parece-me insaciável esta fornalha da locomotiva que vai para o «Mercado de Auschwitz»... sempre a exigir mais espíritos humanos para andar mais rapidamente pelo trilho ferroso e frio

do Ocidentalismo materialista... O vapor que de si sai cheira a carne humana.

Então que modelo de sociedade globalizada é este? E quem o sufragou? E porque colaboro eu com ele?

Como ficar sereno perante os sumos sacerdotes da gestão económica globalizada, ou melhor, como suportar esses malditos tosquiadores de génese da humanidade?

Sim, esses que um dia, noutro tempo e noutro lugar, serão perseguidos como carneiros gordos em dia de festa...

Quando finalmente quis acordar desta letargia, pensei este pensamento que também é um sonho: «Então não haverá lugar para o pequenito pretinho da Numídia que me olhou nos olhos? Esse que me sorriu com medo, dos braços da sua mãe preta do “barco patrulha” que os apanhou quase a tocar as colunas de Hércules, na minha Hispânia e na nossa Europa Romana, ó Augusto César interior?»

Mas o sonho continuou e obrigou-me a um novo «brain storming» para pensar mais qualquer coisa evidente.

Imaginei a geoestratégia energética que molda o mundo, e a política intercivilizacional, e que não é segredo para ninguém. Pensei nas reservas mundiais de petróleo (que podem estar no limite), utilizadas geometricamente nas economias em expansão e nas grandes economias de gestão da ocidentalidade. A sua gestão, controle e distribuição geopolítica tornam-se um quebra-cabeças para quem delas tão desesperadamente necessita. Mas a crise ainda não está totalmente do lado da produção. A produção vai ainda conseguir responder às necessidades por alguns anos. Embora não se tenha descoberto uma *giga jazida* nos últimos vinte anos, existem novas jazidas recém-descobertas que permitem dar algum fundo de maneiio temporal ao problema da produção. Neste preciso momento o problema é outro. O petróleo serve de indexante, via *commodities* – ou bolsa de derivados

futuros – a uma panóplia incrível de produtos financeiros estruturados, vendidos pelas instituições financeiras e pela banca de retalho nas economias de matriz ocidental. Assim o seu valor – petróleo à boca do poço ou até já refinado – é exacerbado nos mercados de transacção desta matéria-prima pela necessidade de rentabilizar mega investimentos financeiros efectuados por mega estruturas financeiras associadas.

Assim, quanto mais subir o preço do ouro negro, mais os especuladores e os novos produtos financeiros estruturados com este derivado ganham. Esta situação, no meu entender, resulta e agudizar-se-á com a crise do mercado bolsista e a discrepância entre o valor especulativo de mercado das empresas e o seu verdadeiro valor intrínseco ou valor real. Existe, então, por parte do mundo financeiro, a necessidade de estruturar produtos financeiros de alta tecnologia e engenharia financeira de modo a ser possível captar investimentos e financiamentos que alimentem a sustentabilidade do sistema sem a exposição gravosa ao risco inerente ao puro risco do actual mercado bolsista (ou pelo menos ao risco da inabilidade dos players do *blackjack* financeiro).

Há muitos biliões de dólares e de euros a perder em cima do tapete verde da mesa; por isso, as grandes sociedades de investimento e a própria banca internacional não podem (e porque já arriscaram e perderam muito para além do que deviam), sob pena de colapso de confiança junto dos seus clientes, expor-se aos riscos puros da estruturação *unicelular* dos seus investimentos ao actual mercado bolsista internacional. Graças à loucura e à ambição de fazer carreira a qualquer custo de uma geração de yuppies tecnocratas, as bolsas são mais casinos onde se joga sem tino – com censuráveis shows de *pornografia económica* à mistura – que casas sérias onde se cotam e transaccionam empresas com solidez e verdade. Por ser um casino onde já se perdeu muito, e porque, entretanto, temos de ir para casa e não podemos sair do casino – nem nós nem os nossos clientes – falidos, existe a necessidade de criar uma habilidade e um expediente de recurso; e é

aqui que o valor do petróleo e de outras matérias-primas – e a sua crescente cotação – servem de indexante majorativo para rentabilidades milagrosas. No fundo, servem para nos dar algum tempo de manejo, evitando chegar a casa sem um tostão no bolso, ou mesmo falidos e endividados, depois de uma aventura mal medida na noite frenética da global Las Vegas financeira. Esta pode ser até talvez a última jogada do player de blackjack financeiro... É aqui, como disse, que reside, no meu entender, o problema do actual preço do petróleo e de outras matérias-primas, como os cereais, que começa a evidenciar um imoral e extremo problema de fome global – não por ausência ou diminuição da produção deste alimento essencial para mais de dois biliões de seres humanos, que dele carecem para literalmente viverem, mas porque simplesmente esses dois biliões de seres humanos não vão ter recursos financeiros suficientes para os comprar ao preço que os especuladores o elevaram, para eles próprios ganharem com a sua flutuação bolsista.

É nesta fase (fase especulativa) que o preço do petróleo e de outras matérias-primas – algumas essenciais à biologia e à vida humana, recordo – atingem recordes nas praças de Londres e de Nova York. Por isso, grande porção do problema actual reside na especulação dos intermediários que não são mais que os grandes *designers financeiros*, os grandes investidores e os especuladores bolsistas mandatados, no fim de tudo, por todos nós, afinal, que, na nossa ignorância, comprámos e compramos produtos indexados a estas matérias-primas, muitas vezes sem o saber, dando assim a estas entidades todo o poder, neste actual modelo de globalização económica, para dispor destas matérias-primas essenciais a milhões de seres humanos a seu bel-prazer (anilhando-nos, como é fácil perceber, a nós próprios ao problema económico, energético e até moral, entenda-se).

Existem também, na minha perspectiva, similaridades com o início da crise da Grande Depressão e o crash da bolsa de Nova

York, em 1929. Acredito que ainda só não existiu o pânico generalizado e a corrida aos bancos e às bolsas para vender este tipo de produtos e carteiras maciças de acções bolsistas, tal como em 1929, por dois motivos principais: primeiro, porque existe a consciência que o pânico poderia conduzir a um efeito dominó de contornos inimagináveis numa economia global! Poderia ser um 1929 à escala planetária! Em segundo lugar, porque o preço do petróleo e outras matérias-primas indexantes, e a própria estrutura dos fundos com dilacões temporais de resgate significativas, ancoram e adiam o problema, neutralizando a consciência do enigma de fundo, (já aflorado pelo *sub-prime* norte-americano e pela eventual fraude comercial na certificação da boa garantia de solvência dos fundos de investimento internacionais) rentabilizando assim o frágil mercado financeiro através de um ou vários bens primos essenciais. É com este expediente que se vão remunerando os aforradores, que se vão calando e esperando por melhores dias nas principais *Molin Rouge* bolsistas internacionais. Claro que a economia adoece um pouco todos os dias, com sucessivos e «suaves» aumentos de produtos essenciais, dos transportes, da energia e com o aumento do fenómeno inflacionista corrigido sempre, no entendimento do BCE, à custa dos que, não sendo players de casino, pagam os juros de crédito.

Não sabemos é o seguinte: até quando isto pode durar... e como se chegou até este abismo, meus senhores?

Acrescente-se, no que respeita ao problema da produção petrolífera, o consumo exponencial de petróleo pelos países industrializados, bem como a emergência de novas economias. Economias animadas por diversos factores entre eles a explosão demográfica e o consumo generalizado de tipo ocidental. Disto são exemplo as duas novas superpotências em ascensão, China e Índia, a absorverem a maior quota de produção de aço e de petróleo para as suas gigantescas revoluções industriais em curso – um mercado interno de mais de 1 700 000 000 consumidores.

Gera-se aqui, neste ponto de contexto geopolítico estratégico, uma encruzilhada e um complexo «pluriconflito» de mega-interesses; uma procura exacerbada de matéria-prima (finita) por contraposição a uma panóplia de situações políticas de difícil resolução de interesses divergentes, associados ainda ao específico mapa da «geografia» energética do planeta e à crise financeira internacional. Escasseia a matéria-prima e a capacidade de negociação. Escasseia sobretudo tempo.

A gestão, exploração e a distribuição destes recursos limitados, nomeadamente os petrolíferos, geram e obrigam a grandes investimentos financeiros e a grandes riscos empresariais, sendo por isso, e como já percebemos, muito complicados. A diplomacia internacional ao nível institucional, bem como a diplomacia «privada» das grandes multinacionais ganham um papel importantíssimo neste complexo jogo da energia. Por ser tão difícil, mas indispensável ao «way of life» ocidental, travam-se duros combates nos bastidores da diplomacia internacional bem como algumas guerras preventivas. Claro que o bom senso determinaria uma gestão diplomática, tipo «diplomacia de pinças», contudo a prática demonstra-nos efectivamente o contrário, ou pelo menos a aparência disso.

Sabemos também que as energias de substituição podem não estar prontas e ao dispor dos consumidores de forma massificada a tempo de substituir os combustíveis fósseis em tempo útil.

Nos lugares da fronteira civilizacional, que separará sempre o Homem da sua própria barbárie, começa a escassear uma moeda de troca com valor intrínseco e aceitabilidade para a gestão dos problemas políticos e sobretudo para a gestão dos problemas económicos e sociais. Começa a faltar o Tempo, o recurso mais importante da singularidade individual e colectiva.

Não menos importante será prestar atenção à superestrutura política ocidental, que genericamente deveria assentar (pelo menos teoricamente assenta) na democracia representativa e

participativa. Esta, considero, está a ser brutalmente lapidada pelo poder económico e pela conseqüente erosão moral provocada pelos grupos de pressão ao serviço da globalização económica. Constatamos uma hipócrita perversão dos verdadeiros e justos valores democráticos que construíram esta nossa «casa europeia», livre de guerras, convém lembrar, há mais de sessenta anos. Aliás, nunca a Europa conservou a paz generalizada durante tanto tempo consecutivo. Considero também que atravessamos uma preocupante crise de liderança, onde uma inquietante e degenerada oligarquia demagógica laçou o poder. Disso é prova as vagas das recém-chegadas elites políticas, oriundas quase sempre dos corredores, ora das juventudes partidárias, ora da elite do poder económico ou a seu soldo, onde, de forma crescente e bem visível, esta mesma elite dirigente de topo se corrompe e se afasta da imensa base electiva; sendo que, por sua vez, a imensa base electiva se distancia do exercício da sua cidadania, pois simplesmente deixou de acreditar no sistema e nos políticos «profissionais», que tudo prometem sem olhar à exequibilidade do que dizem.

Assim a sede do poder deslocou-se insidiosamente da formalidade democrática para a realidade da demagogia oligárquica. A génese e a natureza da democracia estão em risco, pois muitos interesses privados sobrepõem-se aos interesses dos Estados e às das suas populações. A Democracia está novamente a ser instrumentalizada pois a elite económica acredita que os meios justificam os fins e apenas se serve da Democracia para chegar ao poder, legitimando-se assim para posteriormente exercer a sua *realpolitik* e a sua perversa «constituição».

Parafrazeando Jonh Locke, contesto este modelo económico-democrático, pois também acredito que «nenhum édito, seja qual for a sua forma, ou poder que o apoie, tem força obrigatória de uma lei, se não for aprovado pelo poder legislativo, escolhido e designado pelo Povo. Sem isso, a lei não comportaria aquilo que é necessário para constituir uma lei: o consentimen-

to da sociedade. Com efeito, ninguém tem o poder de impor leis à sociedade sem o seu próprio consentimento e sem ter recebido dela a investidura».

As grandes empresas e os imensos e poderosos grupos económicos – muitos deles supracivilizacionais – que não foram investidos pela sociedade democrática, «votam» e pressionam demasiados governos para a aprovação de leis económicas junto do rebaixado e subalterno poder executivo e legislativo sem o nosso consentimento; viciam assim o princípio e o resultado da nossa livre expressão democrática. O alegado e abusado consentimento tácito nesta matéria, é uma hedionda perversão – já provada – do grande fim para o qual os homens entram em sociedade.

No que respeita ao poder económico, nunca nos pudemos expressar sobre o seu papel e utilidade na sociedade, nem sobre o seu real valor intrínseco para essa mesma sociedade. Estes volumosos interesses económicos são, por assim dizer, uma fantasmagórica massa crítica não questionável e não arguível. Movem-se num obscuro hiperespaço global, onde não existe nem lei nem direito, muito menos condenação por crimes contra a Humanidade não económica, apenas o braço, mais ou menos longo, mais ou menos forte, da sua capacidade de pressão.

Reafirmo que a Democracia está em risco novamente.

Assim aconteceu com a Democracia Ateniense na Antiguidade, que caiu de podre depois de ter vencido a ameaça Persa; Atenas foi saqueada e incendiada por dentro. A grande polis Ateniense foi lapidada por muitos Alcibíades que, tal como ontem, também hoje amam o poder de forma anátema.

Na verdade, e no que respeita à polis Ateniense, preferimos lembrar a força da sua influência cultural e o seu contributo para a Democracia no seu mais lato sentido. Contudo, renegamos o conhecimento do seu triste final e a voz do vento sibilino que ainda fumeja das ruínas de uma longínqua Atenas, antes próxima no horizonte do Passado.

Se a esta macroanálise ainda juntarmos ao Ocidente uma contracção demográfica e uma explosão também demográfica do fundamentalismo religioso dentro de portas e nas suas fronteiras, então talvez fiquem reunidas as condições para um «melling pot» ou um «caldeirão de fusão» social com tonalidade «nuclear» e universal no que respeita à sua dimensão e às suas fronteiras.

Finalmente, coloquemo-nos na base do tabuleiro de xadrez – a base que é a de um mundo interligado pela Globalização. Uma base a aquecer por debaixo dos nossos pés qual Pompeia e Herculano no sopé do Vesúvio...

A Humanidade nunca foi sujeita a tamanha pressão; nem nunca tivemos a capacidade de autodestruição que hoje possuímos.

O terrorismo organizado e supracivilizacional está na ordem do dia. Osama Bin Laden e a rede terrorista da Al-Qaeda intentam derrubar o Ocidente, impondo a sua perspectiva religiosa e fundamentalista, sob a forma de ataques de grande escala e de elevada intensidade psicológica. O Ocidente, por sua vez, intenta impor a sua «religião ocidental» baseada no consumo exacerbado, no modelo da democracia ocidental (anilhada e doutrinada, lamentavelmente, pelos exageros da selvajaria económica e pela visão redutora do que é ser Humanidade) e no mercado global. Consideram esta missão uma comissão messiânica de proporções mundiais, salvando assim os não ocidentais de si mesmos. As organizações terroristas, pedras incontornáveis neste novo alinhamento do jogo do poder, desejam tomar uma função tribunícia dos povos «oprimidos» pelo modelo ocidental. Perigosamente, podem-se assumir como esperança de um mundo melhor e mais justo. Se assumirem esse papel, então sentir-se-ão mandatados pelo povo desesperado para lutar em nome de ideias abstractas através do desprezo pela Vida e da violência total. Conhecem bem o Ocidente e consideram atentamente as muitas fragilidades

ocidentais. No fundo consideram que com um «empurrãozinho» o Ocidente acabará por cair, pois a «maçã» está podre e Isaac Newton sempre terá razão no que respeita à lógica da lei da gravidade. O Ocidente naturalmente não negocia com terroristas e declarou guerra a todas as formas de terrorismo, bem como aos estados-nação que alegadamente os apoiam.

As trincheiras da mútua «Guerra Santa» intercivilizacional estão cavadas, as sepulturas também...

Resumindo, as reservas mundiais de petróleo estão no limite e os preços são inflacionados pela especulação e pela pressão da procura do ouro negro pelas potências industriais em ascensão. Estas simplesmente respondem ao vórtice do consumo de tipo ocidental como podem.

O Poder Democrático e a génese da organização mundial da sociedade estão doentes e débeis perante um poder esmagador da *realpolitik* económica.

O extremismo religioso está patente, e o terrorismo combate porta a porta, casa a casa na rua da desilusão e na avenida da frustração Humana.

O Mundo está diferente. O Mundo está confuso e as pessoas estão confusas e descrentes num futuro próximo mais confiante.

Sabemos que existe uma nova elite do poder, ainda pouco conhecida mas bastante activa, que procura criar um *reshaping* global de matriz Darwinista, onde só sobreviverá o melhor e o mais adaptado à competitividade.

A sociedade ocidental secularizou-se e os seus valores humanos absolutos são constantemente relativizados de acordo com os modelos económicos, as modas sociais e de sociabilidade contemporânea.

Mas não é tudo mau! Não é tudo errado! Não é tudo perverso e demoníaco! Chegamos longe, admita-se!

Caminhámos bem em muitas frentes. Caminhámos em frente protegendo a natureza e a sua biodiversidade. Legislámos sobre

espécies em perigo, atendemos aos pedidos para que se salvassem as baleias e muitos dos animais em via de extinção; estamos a começar a limitar muitos dos impactos ecológicos das nossas indústrias no mar, na terra e até no espaço. Defendemos florestas vitais e o comum património cultural da Humanidade. Estamos, mais que nunca, conscientes dos riscos do nosso ecossistema e da nossa biosfera. Limitámos o tabaco à rua. Perseguimos o trabalho infantil. Respeitamos e valorizamos, finalmente, a Mulher e os seus direitos. Vamos abolindo a escravatura... Democratizámos o consumo e o acesso à informação. Debatemos e avançámos no estudo das células estaminais e da biotecnologia. Avançámos, exponencialmente, na ciência, na medicina e na informação. Avançámos na nanotecnologia. Chegámos à Lua e chegaremos a Marte, provavelmente ainda no tempo da nossa geração. Contudo consideramos fundamental referendar o direito à vida humana e à existência única e irrepetível de um ser humano (que fica refém e dependente do limbo da boa vontade e da boa interpretação dos critérios de conforto económico-social do Estado e dos seus progenitores), aceitando quer a possibilidade da prática do aborto como técnica contraceptiva quer a recusa em se ser progenitor por ausência de «condições mínimas» de qualidade de vida.

Há que parar para pensar no que estamos a pensar colectivamente e como nos obrigam a pensar individualmente!

As sociedades não ocidentais alinham-se por outra bitola, não menos instável e não menos volátil e explosiva.

Existem armas de destruição maciça, terríveis e apocalípticas, muitas vezes desejadas por organizações e Estados terroristas, para que por elas, acreditam, se possam nivelar as opções e os eventuais resultados do jogo do poder. Teerão está a desenvolver um programa nuclear militar à revelia da comunidade internacional (mesmo após sanções e resoluções por parte do Conselho de Segurança da ONU, programa esse não controlado nem fiscalizado pela Agência Internacional de Energia Atómica), cujo fim,

conforme é afirmado e pregado pelo seu presidente e pelo regime iraniano, visa principalmente aniquilar o estado de Israel.

O que pensar sobre este eventual conflito de mentalidades? Derivará num inevitável conflito?

Voltaremos a uma Idade Média com posse e usufruto do poder de aniquilação total?

Faremos nós ocidentais novas cruzadas em nome do novo deus chamado mercado global? E os outros povos não ocidentais, em explosão tecnológica e demográfica, o que farão à nossa «Occidental way of life»?

O que fazer individual e colectivamente sobre esta perspectiva de «espada» e de coercibilidade sobre a Humanidade?

Para além de dominar a nossa ambição e a nossa vaidade, talvez também considerar todos os seres humanos como irmãos e próximos; assim certamente reduziríamos as assimetrias resultantes dos nossos abusos de séculos e séculos. Este é que deveria ser o caminho da convergência! O outro é um embuste perpetrado pelas brigadas da ganância compulsiva. Costumo dizer, em tom de anedota, que «a loucura e a ganância cavalgam o homem. A loucura detém-se contra uma parede, a ambição nem mesmo assim...»

Acredito com todo o meu ser que existem valores intemporais que deviam fazer parte das nossas Constituições «laicas» – tanto das nacionais e supranacionais como, e sobretudo, das Constituições «Interiores». Se amares o teu próximo cumpriste toda a Lei. Mas, todos sabemos, que a lei do amor e do perdão é bem mais dura de cumprir que a lei da prescrição contabilística do «deve e do haver». Talvez também por isso muitos dos seus «discípulos», ouvindo estas palavras e o duro discurso do amor, deixaram o Caminho e o livre arbítrio ao longo deste atalho comum...

Temo que um dia, não muito longínquo, os quatro cavaleiros do Apocalipse comecem a sair dos seus estábulos... o cheiro

da expectativa da Terra totalmente ensanguentada acordou-os definitivamente!

Acredito, no entanto e paradoxalmente, que, simultaneamente, este é um novo tempo! É um tempo para olhar e lembrar os lírios do campo, que não tecem nem fiam... um tempo para olhar a figueira e perceber que está próximo o Verão... um tempo para reconhecer que os campos e as searas estão maduros e as espigas das nações estão douradas como nunca antes estiveram. É o tempo escolhido para as boas colheitas... é o tempo antes do nosso Verão... é, finalmente, o tempo da proximidade de Deus e da sua Justiça.

Como disse, porquê aceitar este desafio interior de escrever sobre nós, os humanos ocidentais do século XXI?

Na epopeia de Gilgamesh, poema épico com cerca de 4000 anos, oriundo do Próximo Oriente Antigo, encontramos uma passagem, a qual não resisto transcrever como resposta a este desafio interior:

Shamash, o deus Sol, pergunta a Gilgamesh: «Porque queres tentar o impossível?» Gilgamesh responde: «Se este empreendimento não deve ser tentado, porque despertaste no meu coração o desejo inquieto?»

«Os Sapiens» é uma parábola de metonímias.

Viva a Vida! Obrigado pela Existência.